

Como podemos reviver a “imunidade de rebanho” frente ao fascismo?

Via [Viento Sur](#)

O conceito de imunidade do rebanho, ou seja, a imunização de toda uma população como resultado de uma alta porcentagem adquirindo resistência a uma doença, ganhou ampla aceitação desde o início da pandemia de covid-19. Há muito tempo é tradição nas ciências sociais pedir emprestados termos e conceitos às ciências médicas, e a situação global atual induz mais do mesmo. Existem, portanto, motivos razoáveis para descrever metaforicamente como uma pandemia a propagação global dos movimentos de extrema-direita nos últimos anos, incluindo governos liderados ou co-liderados por forças políticas que reproduzem alguns dos principais princípios ideológicos do fascismo em países tão variados como Brasil, Hungria, Índia, Itália, Filipinas, Rússia e EUA.

O início desta pandemia de extrema-direita pode ser traçado desde a década de 1980 e recebeu um forte impulso na década seguinte, como os editores do livro coletivo *Fascismo e Neofascismo* reconheceram em 2004: “Enquanto houve um ressurgimento da atividade extremista na Europa Ocidental na década de 1980, o colapso do comunismo levou a um aumento da extrema-direita em todo o continente. Durante os anos 90, o fascismo, ou algo parecido, reapareceu repentina e inesperadamente”. Como o fascismo clássico das três décadas após a Primeira Guerra Mundial, este neofascismo (este é possivelmente o melhor nome, pois se refere tanto às afinidades históricas quanto à renovação de formas em sintonia com nossos tempos) assume diferentes formas, dependendo dos países em que se desenvolve.

Karl Polanyi dedicou várias páginas em sua obra clássica *A Grande Transformação* de 1944 para sublinhar a grande variedade de fascismos e ideologias fascistas. “De fato”, comentou ele, “não havia nenhum tipo de antecedentes religiosos, culturais ou de tradição nacional que tornasse um país imune ao fascismo uma vez que as condições para seu surgimento estivessem criadas”. Ele afirmou que mesmo “a existência de um movimento fascista propriamente dito” não tinha necessariamente que fazer parte dos sintomas do que ele chamou de “situação fascista”. Igualmente importantes foram sinais como a propagação de idéias irracionais, visões racistas e ódio ao sistema democrático.

Lido à luz dos acontecimentos em curso nos Estados Unidos, o comentário de Polanyi soa arrepiante: “A força potencial do fascismo, embora geralmente baseado em um seguimento em massa, foi detectada não pelo número de seus seguidores, mas pela influência de pessoas em altos cargos em cuja boa vontade os líderes fascistas poderiam confiar e com cuja influência na sociedade poderiam contar para se protegerem das conseqüências de uma revolta fracassada”. Para o pensador húngaro-americano, o fascismo foi acima de tudo uma “solução para o impasse alcançado pelo capitalismo liberal” com o objetivo de empreender “uma reforma da economia de mercado a ser realizada ao preço de extirpar todas as instituições democráticas”. Neste sentido, a imunidade do rebanho ao fascismo, alcançada na maioria dos países ocidentais após 1945, não foi apenas o resultado da derrota dos poderes do Eixo, mas também e sobretudo a conseqüência de uma solução alternativa ao impasse do capitalismo liberal: a solução democrática keynesiana que descartou a idéia do “mercado auto-regulador”, que Polanyi chamou de “uma utopia manifesta”.

Outro clássico muito anterior nas ciências sociais, Émile Durkheim, o fundador da sociologia, já lamentava em seu livro *Suicídio* de 1897 o fato de que “durante todo um século o progresso econômico consistiu principalmente em liberar as

relações de trabalho de toda regulamentação". O governo, em vez de regular a vida econômica, tornou-se seu instrumento e seu servidor". Para o sociólogo francês, essa desregulamentação econômica foi a principal causa do que ele chamou de "anomia", ou seja, "um estado de exasperação e um cansaço frustrante" resultante da perda da segurança econômica e da quebra dos moldes sociais. A anomia leva os indivíduos a procurarem refúgio em algum tipo de grupo de identidade – a menos que seja orientado para o interior (suicídio) – onde eles empregam sua exasperação contra outras identidades consideradas responsáveis pela crescente precariedade de sua condição social, principalmente através de lógica racista e/ou xenofóbica. Assim, o surgimento de ideologias e movimentos do tipo fascista a partir dos anos 80 foi acompanhado pelo surgimento de outros grupos exclusivos de identidade, dos quais o fundamentalismo religioso é o mais evidente.

Isto está totalmente de acordo com a observação feita por Eric Weitz e Angelica Fenner, os editores do livro acima mencionado, sobre o ressurgimento do fascismo: "Os ressurgimentos da direita foram em grande parte uma resposta aos deslocamentos políticos e sociais dos anos 90, incluindo o desemprego maciço, a erosão da rede de segurança que havia sido tecida pelos Estados de Bem Estar tanto na Europa Ocidental quanto na Europa Oriental, bem como a deterioração do ambiente urbano. Elas também foram uma resposta às migrações populacionais em larga escala que ocorreram desde 1945 na Europa ao longo dos eixos norte/sul, bem como leste/oeste".

De fato, existe uma clara e inegável correlação entre o assalto neoliberal iniciado nos anos 80, liderado por Margaret Thatcher e Ronald Reagan, um assalto que fez da desregulamentação um de seus principais objetivos junto com a privatização, a redução dos gastos sociais e a diminuição dos impostos para os ricos, acompanhado pelo surgimento após décadas de marginalização de fenômenos como o neofascismo e o

fundamentalismo religioso. Assim como a Grande Recessão, desencadeada em 2007, deu um grande impulso às forças neofascistas, juntamente com a grande onda de refugiados, em sua maioria sírios, que chegaram à Europa em 2015. Os eventos resultantes de ambas as crises continuam a afetar muito nosso mundo. E a enorme crise econômica atual, como resultado da pandemia da Covid -19, só pode agravar muito as condições da anomia globalmente (a exploração pela extrema direita dos movimentos anti-lockout é um indicador), a menos que sejam contrariadas por políticas econômicas similares às adotadas depois de 1945.

Acrescente-se a isto o fato de que, importante como a derrota de Donald Trump nas últimas eleições presidenciais americanas, certamente não foi de um escopo comparável à derrota das potências fascistas na Segunda Guerra Mundial. Sua derrota não se deveu ao descontentamento de seus partidários, mas foi acompanhada de um enorme aumento de seus partidários (mais 11 milhões de eleitores) numa época em que, ao contrário de 2016, não havia nenhuma ilusão possível sobre o que Trump representava e, portanto, quase nenhuma ambiguidade na direção da votação. Da mesma forma, globalmente, até agora não há sinais de declínio do neofascismo: a popularidade contínua de figuras como Jair Bolsonaro (pelo menos até muito recentemente), Narendra Modi ou Viktor Orbán não pressagia qualquer desaparecimento da pandemia de extrema-direita no futuro previsível.

Alcançar novamente um estado de imunidade coletiva ao fascismo, como o dos anos pós-guerra, exige não apenas uma derrota política dos mais proeminentes movimentos neofascistas e uma luta intransigente contra suas ideologias. Também requer, o mais crucial, uma mudança global do paradigma neoliberal que tem sido dominante nas últimas quatro décadas.